

HeartBeat

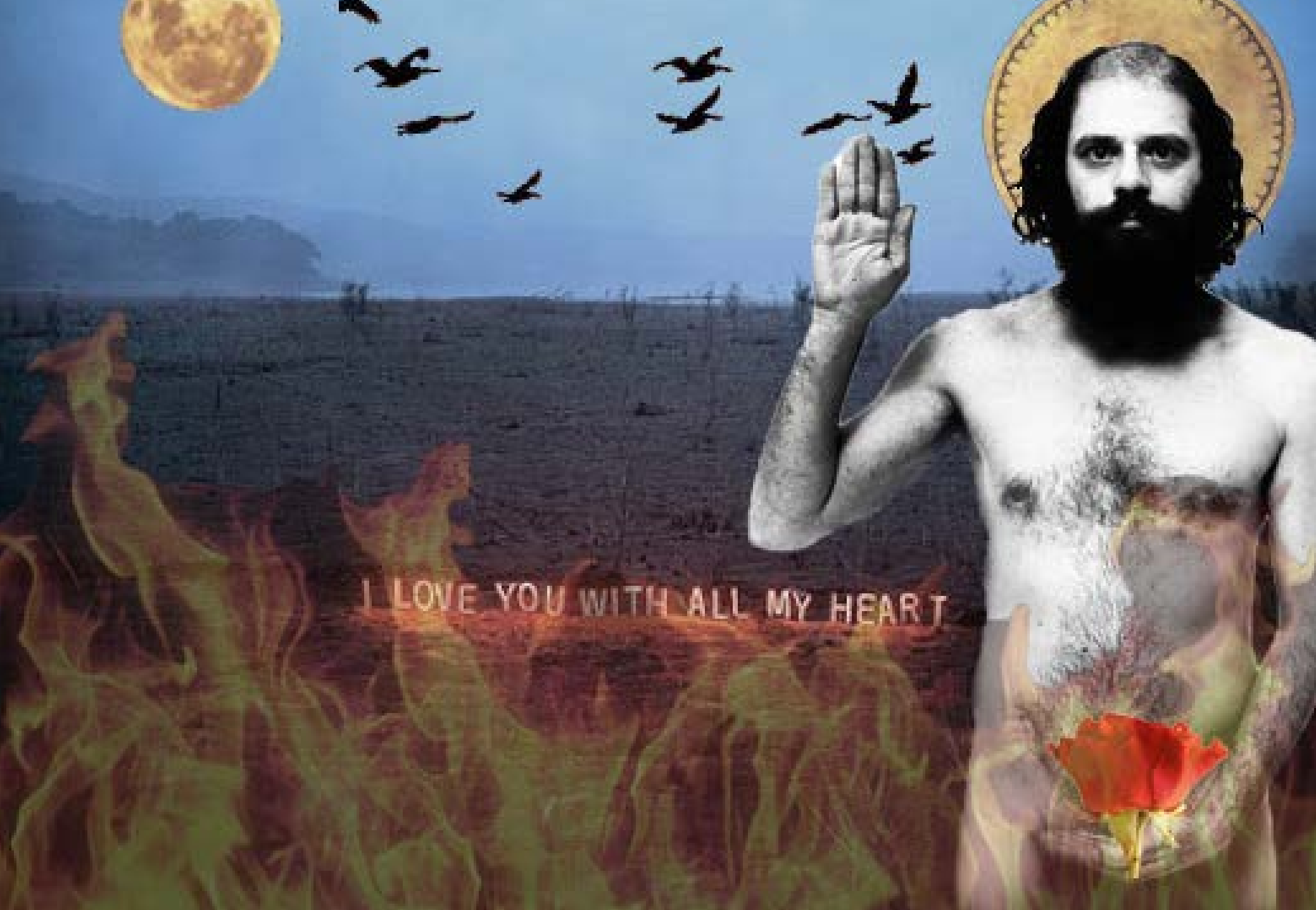
Outono/Inverno 2013

por

Nathália Haeffner

“Soltem as fechaduras das portas!
Soltem também as portas de seus batentes.”

Allen Ginsberg



Após o término da Segunda Guerra Mundial a população norte americana começou a passar por inúmeras e profundas transformações, visto que os EUA queriam solidificar o “*american way of life*” e vender uma falsa felicidade para o mundo, já que o capitalismo precisava se tornar impenetrável frente a situação da Guerra Fria e da luta contra a propagação do comunismo. Diante desta situação, o consumo em excesso era uma prática disseminada e quase que imposta a todos, para assim estimular a economia e afirmar o estilo de vida norte-americano.

No entanto, este estilo de vida não era natural nem era uma verdade e, portanto, já não servia mais para aquela sociedade deca-

dente do pós guerra. A verdade é que os filhos dessa crise, os jovens, não acreditavam em nada disso, muito pelo contrário, eles haviam crescido com medo, sem rumo e sem direção. Eram os filhos da Era da Catástrofe e, por isso, carregavam dentro deles um enorme vazio existencial. Estes jovens, chamados de *hipsters*, começaram a questionar todo este sistema de apego material imposto pela economia e elite conservadora norte americana, e foram buscar respostas no existencialismo francês, no niilismo de Nietzsche e Dostoiévski, no Jazz, drogas, e na convivência com o submundo da sociedade estadunidense.

A partir deste contexto, é possível dizer que a Geração *Beat* nasceu no seio da subcultura *hipster* nova-iorquina mas que não se

limitava, de forma alguma, a ela. Os *hipsters* eram os jovens intelectuais de Nova Iorque que não se interessavam pela sociedade e não tinham a menor intenção de transformá-la. Já os *Beats*, combatiam o molde social do pós guerra e advogavam por mudanças no modo de viver dos americanos. Desse modo, percebe-se que os *Beats* bebiam das mesmas fontes culturais que os *hipsters* e compartilhavam também do mesmo estilo de vida underground e hedonista mas, no entanto, a Geração *Beat* se diferenciava pelo ativismo social e político, exercido principalmente por meio de manifestações literárias.

Quando se fala em Geração *Beat* neste momento estamos nos referindo a um grupo muito específico de jovens, que começou a ser formado na Universidade de Co-

lumbia em Nova Iorque, nos anos 40. Nesta época, Allen Ginsberg, um dos maiores poetas do seu tempo, conheceu William Burroughs e Jack Kerouac. Este trio foi a aliança essencial que fez o movimento repercutir pela América. Pouco tempo depois, dois outros grandes nomes se uniram ao grupo: Neal Cassidy e Gregory Corso.

Jack Kerouac, autor de “On the Road”, o livro beat mais conhecido mundialmente, deixa bem claro que a Geração *Beat* nunca englobou os jovens delinquentes e mostra o movimento como uma manifestação de valores espirituais e religiosos. Desse modo, os *beats* agem com fé, não ligada a uma religião, mas referente a capacidade de acreditar no ser humano, nas rupturas e nas mudanças. Logo, os *beats* aparecem também como

uma resposta espiritual à sociedade racional e moderna.

A partir deste contexto, é possível observar uma série de características desta geração, como o combate à histeria anticomunista da época, aos valores do *american way of life* e ao materialismo crescente. Além disso, uma característica inerente à *Beat Generation* é a representação da tensão entre os valores tradicionais e os novos valores dos filhos da classe média. Neste sentido, os *beats* representavam um dos mais notáveis descompassos entre gerações.

Desse modo, nota-se que a Geração *Beat* representava a identidade própria da cultura jovem, ligando-se fortemente a manifestações artísticas que tinham como base a espontaneidade e o improviso, como o *bebop jazz* e os *action*

painters. Quanto a música, observava-se que houve uma revolução literária sincronizada com a revolução musical, pois os poemas e escritos passaram a ser inovadores por seu ritmo, já que eram feitos em cima do ritmo do Jazz.

Outras características importantes devem ser apontadas, como a nudez poética dos escritos, a já citada retomada da espiritualidade, a aversão ao cotidiano banal, a negação ao estilo de vida dos pais e aos valores materiais, a visão libertária, o existencialismo de Sartre, o niilismo, e o consumo excessivo de álcool, maconha, benzedrina, peiote e, posteriormente, outras drogas mais pesadas.

Dentro do tema *Beat*, um recorte pessoal foi escolhido para servir de base à coleção: o poema “Uivo” do poeta anarquista *beat*

Allen Ginsberg. Este poema foi publicado em 1956, logo depois de Allen ter ido para São Francisco e feito uma impressionante leitura na *Six Gallery*. “Uivo” tem ao longo de seu texto quase todos os elementos da cultura beat, apresentando conteúdo altamente poético e pessoal, e revolucionando a história literária dos EUA.

Na abertura do livro Ginsberg já nos convoca quando diz: “Soltem as fechaduras das portas! Soltem também as portas dos seus batentes”. Trata-se de um chamado para que as pessoas saiam de suas casas confortáveis, e de seus comodismos... um convocação para que quebrem os antigos valores e barreiras, e mostrem suas caras.

“Uivo” é dividido em três partes, e a mais famosa delas é a Parte I, onde o poeta atua como

uma testemunha da sua geração, descrevendo de maneira épica e profética os atos, angústias e acontecimentos passados por ele e seus colegas *beats*. Na segunda parte do poema temos as referências a Moloch, o deus devorador da juventude e deus do sacrifício, o qual Ginsberg havia vislumbrado, sob efeito de peiote. Aqui há uma crítica aos trabalhadores escravizados pelo exagero capitalista, e à mecanização dos trabalhos. Há ainda a demonstração da importância do sentimento humano.

A terceira parte do poema fala da questão manicomial que muitos homossexuais tiveram a infelicidade de viver. É a parte triste e romântica de “Uivo”. Ginsberg encerra seu poema com uma nota de rodapé santificando diversos elementos da vida: tudo é santo.



Seu perfil inspiracional escolhido para esta coleção é o cantor, compositor, instru-

mentista e ator norte americano Tom Waits. Além de ser um artista excepcional, ele se relaciona diretamente com a proposta do tema, já que é considerado um herdeiro dos ensinamentos da Geração Beat, carregando a tocha do movimento até hoje. Ademais, Waits tem como influência musical o bebop jazz, e seu conteúdo poético consiste em temas semelhantes aos elementos literários abordados nos livros beats, como o underground urbano, a vida hedonista, a boemia, e o existencialismo. A aparência do cantor também é bastante peculiar, parecendo sempre ter saído de um vagão de carga de trem, como um andarilho, uma pessoa sem paradeiros. Sua essência espontânea

e autêntica nos remete tanto aos Beats como também à macrotenência aqui escolhida, a Realistic Myth.

Waits tem 63 anos e surpreende pela quantidade de produções realizadas ao longo de sua carreira, tendo feito quase 30 álbuns, além de trilhas sonoras e participações como ator em diversos filmes. Já ganhou dois Grammy Awards e continua produzindo sua música de forma independente e inovadora até hoje. O cantor é um verdadeiro mito da música folk mundial, e em torno de sua personalidade existem inúmeras histórias curiosas que chegam até a beirar o bizarro.

No entanto, Tom Waits não é apenas um mito. Ele é um mito moderno, um mito real... é cheio de falhas, defeitos e erros. Um mito bê-

bado e errante...um poeta marginal que passou sua vida perambulando por aí, incerto, sem rumo, enchendo a cara no submundo norte americano, em meio a prostitutas e caminhoneiros embriagados. Tom é a outra face de um mito, a face real... é quase um anti-mito. Se fossemos comparar Tom Waits a um Deus até poderíamos pensar, num primeiro momento, que ele seria o Diabo. No entanto, ao conhecermos o cantor e suas composições, é possível dizer que ele seria apenas um deus bêbado.

“Don’t you know there ain’t no devil,

There’s just God when he’s drunk?”

- trecho da música Heartattack And Vine, de 1980.

Desse modo, nota-se que o compositor é a expressão do real e do autêntico: ele nunca fingiu ser correto ou se adequar às regras sociais. Tom Waits é o que ele é... é sua essência, e sua música só nos confirma isso. Vale dizer ainda que o cantor não utiliza recursos cênicos para camuflar ou florear suas canções, muito pelo contrário, ele gosta e assume toda essa “nudez poética” e essa crueza de sentimentos. Tom Waits é uma verdade, nua e crua.

Nesta coleção, onde a expressão pessoal autêntica é valorizada, ninguém melhor que Waits para mostrar isso. O cantor não tem o menor receio de ousar e, portanto, sua música adquire uma forma bastante experimental, autêntica e poética, não se prendendo ou encaixando em nenhum padrão ou

gênero musical pré-definido. Suas performances são carregadas de emoção e suas letras são poesia de alta qualidade. Ademais, suas canções retratam ainda a ausência de apego material e uma questão espiritual bastante presente, já que é possível notar inúmeras referências a Deus e ao Diabo.

Outra característica importante do perfil inspiracional escolhido é que Tom é essencialmente um contador de histórias, e suas músicas são narrativas incríveis de personagens peculiares e realistas, como em “Christmas Card From A Hooker In Minneapolis”, canção na qual é contada a história de uma prostituta através de uma carta que ela manda para seu amante. Waits gosta tanto de contar histórias que escreveu e montou uma peça de sucesso, chamada “Frankie Wild Years”, cuja história é sobre um garoto que aprende música e sai de casa pelos

EUA para viver esta arte. Muitos dizem que a peça é auto-biográfica e, portanto, aqui podemos ver que a mistura entre realidade e ficção é um ponto bastante marcante, o que contribui ainda mais para mitificar este grande artista da música alternativa mundial.



Hoje vivemos em uma sociedade na qual as regras básicas de convivência parecem todas ligadas à valores materiais, ao consumo e à imagem. Nesse sentido, o “ter” tornou-se mais importante que o “ser”, e mostrar ou fingir predomina sobre o simples ato de viver a vida. As relações parecem construídas a partir de ideias de utilitarismo, consumo e interesse próprio, restando de lado os sentimentos reais e sinceros.

Desse modo, vivemos em mundo de pretensões e aparências, fato que nos leva a uma questão crucial: Será que todos conseguiremos ser felizes vivendo desta forma? Será que poderemos continuar a viver a vida dos outros, agindo como cópias ou robôs, ignorando e reprimindo a essência e individualidade de cada um?

Diante destes questionamentos, começa a surgir uma movimentação para a retomada de valores, ou melhor, para a criação de novos valores. Perante esta crise social de identidade, surgem intervenções que afirmam a vontade do ser humano em efetivamente participar do mundo, de ser o protagonista de sua própria vida, de se expressar, deixar sua marca e contar suas histórias. Logo, a partir desse novo comportamento coletivo, é possível observar a existência da “Realistic Myth”, macrotendência aqui escolhida.

Como já foi dito, a sociedade atual carece de reais expressões de personalidade e individualidade. Logo, a necessidade de contar histórias e construir mitos torna-se evidente. Esta retomada do “storytelling” é uma característica crucial na macro em questão, e pode ser

observada de diversas maneiras como, por exemplo, no cinema.

Os contos de fadas e histórias de princesas foram retomados e exibidos novamente ao público mas com uma grande mudança: a humanização destas histórias, o que acaba trazendo a realidade para dentro da ficção. Podemos exemplificar este aspecto com o conto da Branca De Neve, o qual foi revisitado e ganhou nova versão com o filme “A Branca de Neve e o Caçador”, de 2012. Apesar de ainda manter a narrativa de um conto de fadas, os personagens foram humanizados e adquiriram um caráter mais real, apresentando defeitos, falhas e qualidades muito diferentes daquelas mostradas na história original. A própria Branca de Neve tem sua trajetória mudada, participando de um triângulo amoroso, sendo mais forte e guerreira (como

uma mulher moderna) e, além disso, não se casando com príncipe algum.

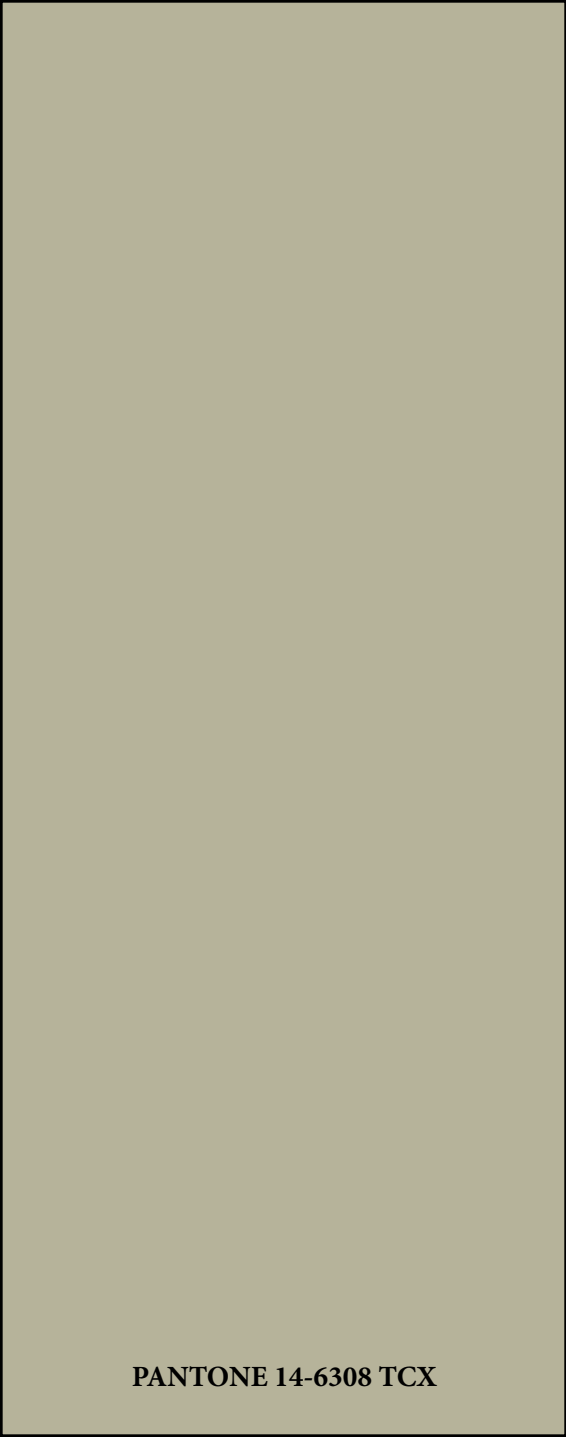
Por conseguinte, nota-se uma mistura da realidade com a ficção, criando-se uma nova interpretação das histórias e também novos jeitos de criar mitos e heróis. Logo, atualmente o mito é a pessoa real, diferenciada e com falhas. Na verdade, o mito quase que passou a ser o anti-mito, pois este assemelha-se muito mais a nós, pessoas reais.

A partir desta ideia de mito real, surge outra forte característica da “Realistic Myth”: a valorização da realidade, ou melhor, a valorização dos objetos, pessoas e relações reais. Como já foi dito anteriormente, trata-se de uma reação a toda aquela distorção e fingimento que foram impostos ao nosso modo de viver, e que não mais satisfaz muitos indivíduos. A padronização

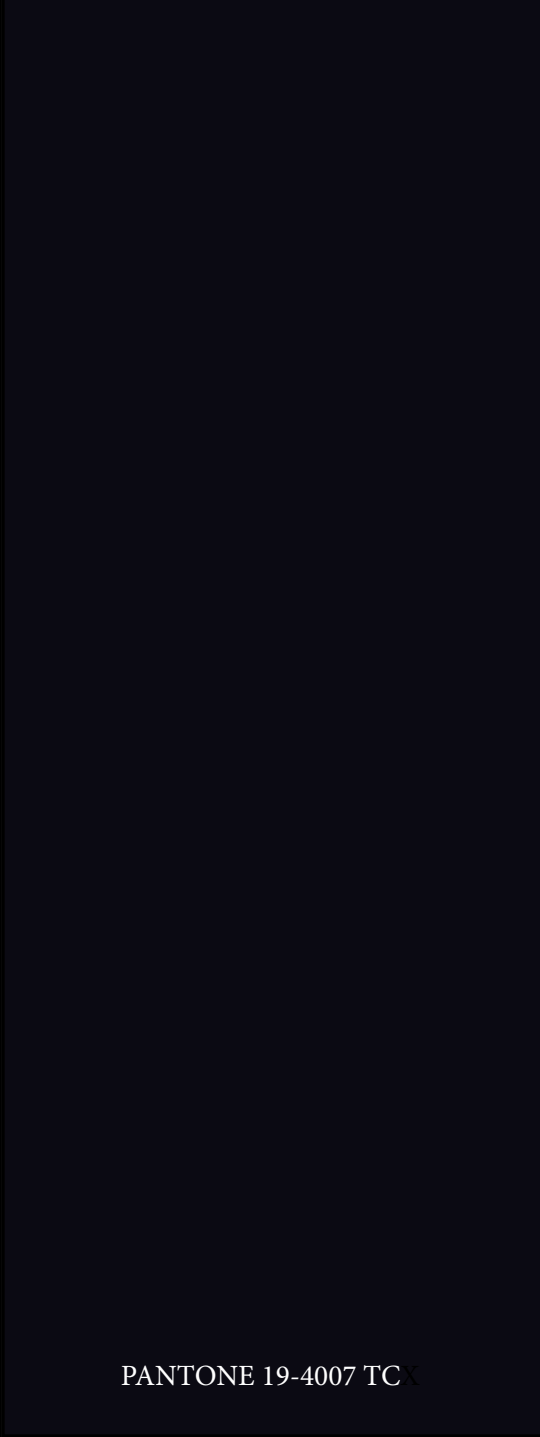
“fake” é, portanto, deixada de lado e o diferente e raro ganham espaço. O tabu das minorias é quebrado e os estereótipos vão se desfazendo na medida em que as diferenças deixam de ser apenas respeitadas para serem também valorizadas e apreciadas.

Aqui a palavra de ordem é a autenticidade, e o que importa é a espontaneidade e a real essência das pessoas. Os “personagens reais” da vida (e aqui esta expressão faz todo o sentido já que foi observada a mistura de realidade e ficção) são os que interessam, com suas qualidades reais e originais, suas falhas e defeitos. Além disso, a macrotenência é sobre a expressão pessoal autêntica de um indivíduo, e com isso entende-se aquela expressão emocional, visceral, espontânea, poética, única e original, deixando para trás os fins materiais que vêm

corrompendo a autenticidade e o pensamento livre.



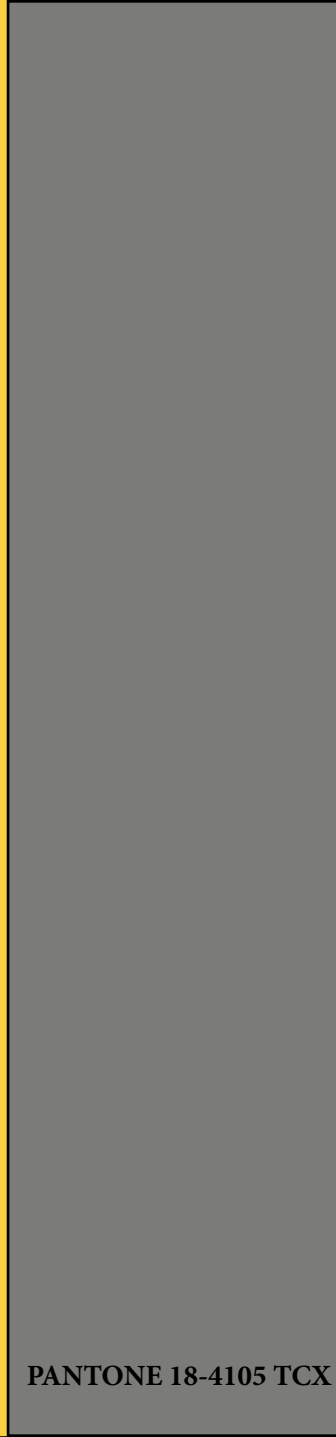
PANTONE 14-6308 TCX



PANTONE 19-4007 TCX



PANTONE 14-0754 TCX



PANTONE 18-4105 TCX



PANTONE 13-0333
TCX

